

A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ludmily Santos Almeida¹, Jeniffer Rosário Meira², João Vitor Amaro Gomes³

Pedagogia (Universidade Estadual de Maringá – UEM)¹, Cianorte – PR – Brasil,
ludmilisantosalmeida@gmail.com;

Pedagogia (Universidade Estadual de Maringá - UEM)², Ra111165@uem.br;

Pedagogia (Universidade Estadual de Maringá – UEM)³, ra125185@uem.br;

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos estes questionamentos, é importante compreender o conceito de criança com o passar do tempo. Miguel Arroyo em “O significado da infância” (1994, p.89), traz que por “muitos séculos a infância não foi sujeito de direitos. Ela era simplesmente algo à margem da família, considerada como o vir a ser. Só era considerado sujeito quando chegava à idade da razão.” A mudança da concepção da infância, e por esta, da criança, veio com a promulgação da Constituição Federal, detalha no artigo sexto que são “direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (1988, p.15).

Ao conceituarmos o desenvolvimento da psique infantil, é valioso compreender as questões propostas por Leontiev em “O homem e a cultura”. O autor coloca que é pela apropriação da cultura historicamente acumulada, ao libertar-se das mudanças biológicas para ser regido pelas leis sócio históricas que o homem é humanizado, isto é, pelas relações sociais as quais está inserido, no texto (2004, p. 285):

“Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (2004, p. 285).

É baseado neste conceito que pontuamos o papel da educação e por conseguinte da escola, em propiciar o ensino e a aprendizagem deste conhecimento acumulado pelas gerações precedentes, no texto Leontiev afirma:

“É evidente que a educação pode ter e tem efetivamente formas muito diversas. Na sua origem, nas primeiras etapas do desenvolvimento da sociedade humana, como nas crianças pequenas, é uma simples imitação dos atos do meio, que se opera sob o seu controle e com a

sua intervenção; depois complica-se e especializa-se, tomando formas tais como o ensino e a educação escolares, diferentes formas de educação superior e até formação autodidata” (2004, p. 290-291).

Nestes preceitos, a prática docente deve fornecer subsídios para que as crianças desenvolvam suas potencialidades com autonomia, considerando ensino e a aprendizagem uma trajetória abrangente, sendo possível “transformar experiências em pensamentos, os pensamentos em reflexões e estas em novos pensamentos e novas ações” (Malaguzzi, 1999, p. 82). Desta forma, a ludicidade é ponto de partida para fomentar uma educação equitativa às necessidades do desenvolvimento infantil em sua integralidade.

METODOLOGIA

Com objetivo de compreender o papel da ludicidade para o desenvolvimento psíquico e as formas para proporcionar no ensino e aprendizagem o direito ao brincar e imaginar. Como problemática abordamos que no cotidiano da educação das crianças pequenas, o ensino conteudista às priva de vivências que deveriam ser priorizadas, principalmente neste período.

A metodologia utilizada para viabilizar este trabalho é a pesquisa bibliográfica, com temáticas como “O papel do brincar e da ludicidade” e autores clássicos da literatura infantil. Em resultado, sintetizamos o entendimento destes princípios, e uma possibilidade prática para a organização no trabalho pedagógico. Portanto, ao concluir, efetuamos uma reflexão de que ao priorizarmos a ludicidade na educação infantil superamos a tradição de uma educação conteudista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para aprofundar as reflexões sobre a ludicidade, é necessário pontuar visão do texto Orientações Pedagógicas (2015), que deixa clara a necessidade de que na criação de um planejamento pedagógico a atividade lúdica deve ser parte essencial, ou seja, intencionalmente utilizada em favor do ensino e aprendizagem no cotidiano escolar.

Contudo a escola tradicional inviabiliza esse trabalho, pautando-se num entendimento de que o lúdico é para realizar-se quando há sobra do tempo, no dia do brinquedo ou apenas no pátio da escola, sem um fazer pedagógico que guia tal atividade. Para fundamentar o entendimento e a importância dessa atividade para o desenvolvimento infantil buscamos nos articular com o autor Zaporózhets (1987 p. 244):

Procuramos fundamentar a tese segundo a qual as neoformações psicológicas que surgem nas fases evolutivas iniciais têm um significado permanente e “absoluto” para o desenvolvimento

Segundo o autor, as novas formações psíquicas que surgem no desenvolvimento da criança estão condicionadas à vida concreta destas, suas atividades. Sobre a temática Gonzales e Mello, (2014) enunciam: “O ser humano desenvolve a sua consciência nessa relação dialética entre atividade própria do ser humano e a própria matéria. A integração na vida social do ser humano faz com que a consciência seja altamente desenvolvida.” Por estas afirmações constatamos que a atividade própria da criança na ludicidade promove seu desenvolvimento à medida que a integra nas relações sociais as quais está inserida.

De modo que a ludicidade está na maior das dimensões, não cabendo apenas nas brincadeiras para passar-se o tempo, mas porque no lúdico o aprender se torna mais do que um objetivo, nessa atividade o processo é mais importante que o resultado, é ao apropriar-se das relações do mundo humano, ou seja da cultura material e imaterial presentes na realidade de sua ação, que internaliza os modos de vida e o conjunto das regras sociais, o texto do Programa União Faz a Vida (2019, p. 71), discorre em um dos seus capítulos que “[...] oferecendo-se, por meio do brincar, a oportunidade de a criança criar mecanismos de relacionamento enquanto sujeito social e cultural.”

Abordando estas questões cabe ressaltar formas para promover uma educação infantil que priorize a aprendizagem de acordo com esse princípio, a literatura, as artes plásticas e visuais, a brincadeira e a musicalização são recursos que podem ser utilizados nas salas de aula da educação infantil. Cada uma destas atividades contribui para o processo de aprendizagem a seu modo.

A literatura recria a realidade através da visão de um autor, pela sua matéria prima, a palavra, a compreensão do tempo histórico, as normas de conduta e a reflexão moral. Nas artes depreende-se a capacidade de representar o simbólico, favorecendo o entendimento de diferentes linguagens, a criatividade, o senso estético, a expressão e a concentração. Na música a sensibilidade e o senso rítmico, a movimentação corporal, coordenação motora, consciência corporal, identificação do espaço e tempo e o raciocínio. Todos esses conceitos estão incorporados no brincar, trazendo a compreensão das normas sociais, satisfazendo os desejos do viver adulto ainda na idade infantil, com um novo processo psicológico, a imaginação, no texto Orientações Pedagógicas, Chaves (2015) fundamenta esse entendimento:

Cantar, dramatizar, desenhar, recortar, utilizar recursos diversificados como papéis, tecidos, retalhos para contar histórias, compor cenas, brincar com versos que favorecem o conhecimento e o reconhecimento de diferentes linguagens, são elementos que potencializam o desenvolvimento linguístico e intelectual das crianças (Chaves, 2015, p. 63).

Partindo destes apontamentos, trouxemos para este trabalho o periódico de Medeiros, Pereira e Antônio (2012), que trabalha sobre a temática da literatura infantil no Brasil. O autor abarcado é Monteiro Lobato, reconhecido amplamente por introduzir a cultura brasileira na literatura. O mundo escrito por Lobato, de acordo com os autores (2012), “[...] introduziu no

mundo da leitura novos ambientes e personagens, valorizando o simples e comum, levando os pequenos leitores a se imaginarem na história.”

O texto (2012, p. 3) continua apontando que “As histórias então, se misturam entre o real e o fantástico e não apresentam aquele cunho fechado e único, transfere para o pequeno leitor a fantasia e a criatividade [...]”. Como forma de elucidar a apresentação deste trabalho, e materializar uma prática pedagógica na educação infantil, aplicamos um trecho de uma das histórias de Monteiro Lobato “A cartinha de polegar”. A cena apresentada dispõe sobre os imagéticos, tanto no mundo da fábula quanto no mundo concreto, sobre conceitos diferentes, mas que ainda estão presentes no imaginário adquirido na infância.

Dessa forma a atividade ao qual sugerimos, após a cena representada é, ao disponibilizarmos uma tela, a turma vá contribuindo para a construção da imagem da personagem, utilizando os materiais selecionados para isto, como, tinta, papéis variados, tecidos e etc, respondendo quais são os elementos que formam a imagem de Emília.

Alguns objetivos de aprendizagem presentes nesta atividade são, teatro, estimula a cognição, trabalha a oralidade e a imaginação; pintura e criação dos elementos da persona, além da estimulação dos sentidos, incentiva a percepção dos elementos de um todo, desenvolvendo a criatividade.

Cena: Emília, narizinho e Pedrinho, sentados ouvindo a história do Narrador.

Narrador: - O sítio de Dona Benta foi se tornando famoso, tanto no mundo de verdade como no chamado Mundo de Mentira. O Mundo de Mentira, ou Mundo da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor das Alturas. Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam.

Emília: — Só acredito no que vejo com meus olhos, cheiro com o meu nariz, pego com minhas mãos ou provo com a ponta da minha língua, dizem os adultos.

Pedrinho: — Mas não é verdade. Eles acreditam em mil coisas que seus olhos não vêem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam.

Narizinho: — Deus, por exemplo. Todos crêem em Deus e ninguém anda a pegá-lo, cheirá-lo, apalpá-lo.

Narrador: — Exatamente. E ainda acreditam na Justiça, na Civilização, na Bondade — em mil coisas invisíveis, incheiráveis, impegáveis, sem som e sem gosto. De modo que se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização.

Narrador: — nem todas as coisas abstratas.

Emília: — Eu sei o que quer dizer "abstrato" — disse Emília. — É tudo quanto a gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega — mas sente que há.

Narrador: — Muito bem. Logo, o Mundo da Fábula existe, com todos os seus maravilhosos personagens (Lobato, PNLD, 2006).

Propomos nesta atividade um diálogo com os temas abordados no texto acima, como uma possibilidade lúdica para utilização da literatura nas salas de aula.

CONCLUSÕES

Buscamos neste trabalho compreender o papel da ludicidade e as principais formas para promovê-la na organização do trabalho pedagógico, pois a cultura tradicionalista enraizada nas práticas de ensino oculta a promoção deste princípio para o desenvolvimento infantil.

Concordamos com o entendimento de que o professor deve atuar como mediador do conhecimento a partir da ludicidade, a fim de materializar no cotidiano escolar uma prática intencional que oportuniza o desenvolvimento dos sujeitos em sua completude.

REFERÊNCIAS

ARROYO, O significado da infância, Anais do Seminário Nacional de Educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.

Lobato, Editora Brasiliense, PNLD. SP, 2006. Bibliografia disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/Cultura/O_Picapau_Amarelo_-_Monteiro_Lobato.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 7 dez 2024.

CHAVES, M. et al. Orientações Pedagógicas da Educação Infantil: estudos e reflexões para a organização do trabalho pedagógico. 2. ed. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência, 2015. 108 p. v. 1. ISBN 978-85-8015-058-2.

GONZÁLEZ, A. G. G.; MELLO, M. A. Vygotsky e a teoria histórico-cultural: bases conceituais marxistas. Cadernos da Pedagogia, v. 7, jan. 2014.

LEONTIEV, A. O homem e a Cultura. In: LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. [S. l.: s. n.], 2004. p. 279-302.

MALAGUZZI, L. História, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999

MEDEIROS, E. R. d; PEREIRA, E. I; ANTONIO, F. P. **Considerações sobre Monteiro Lobato representando a literatura infantil nas escolas**. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, Garça, v. 10, n. 19, jan. 2012. Disponível em:http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/tYiERQnGlszvJWs_2013-7-10-16-13-41.pdf. Acesso em: 7 dez, 2024.

ZAPORÓZHETS, A. V. **La psicología evolutiva y pedagogica en la URSS**. Moscovo: Progreso, 1987. 350 p.

